

Reformas, fim da exceção, posição diante do diálogo

Brossard faz o seu primeiro discurso como líder amanhã

O Senador Paulo Brossard fará amanhã, no Senado, o seu primeiro discurso como líder do MDB, definindo a posição que a bancada oposicionista deverá adotar em relação às anunciadas reformas políticas e pedindo o fim da exceção e o retorno ao Estado de Direito.

Segundo alguns membros da bancada do MDB no Senado, Brossard deverá ainda repetir as críticas feitas nos seus últimos discursos aos atos institucionais, que conferem poderes arbitrários ao Presidente da República, ao qual o Senador gaúcho chamou de "constituente solitário", após as reformas constitucionais efetuadas em abril, durante o recesso do Congresso.

Os Senadores oposicionistas, entretanto, dizem que, se realmente o Governo tem a intenção de redemocratizar o país, não precisa se preocupar com o discurso de Brossard. O líder emedebista, prosseguem, foi contrário à conciliação nacional, querendo apenas, com toda a oposição, que esta chegue através da Redemocratização, do aperfeiçoamento jurídico constitucional.

Brossard poderá também, em seu discurso, de acordo com os Senadores, fazer uma análise do chamado diálogo político que vem sendo desenvolvido pelo Senador Petrônio Portella e

reiterar a posição do MDB em relação a alguns temas como a anistia e a extinção dos partidos.

Ainda esta semana, dois dos vice-líderes já escolhidos por Brossard, Gilvan Rocha (SE) e Roberto Saturnino (RJ) deverão continuar a análise da mensagem encaminhada pelo Presidente Ernesto Geisel ao Congresso, no dia primeiro de março, quando da reabertura das atividades legislativas.

Gilvan Rocha deverá criticar o Presidente pela defesa que fez, na mensagem, do chamado "Pacote de Abril", lembrando ainda os anúncios de abertura já feitos pelos governos revolucionários, sem qualquer resultado. Roberto Saturnino ficará encarregado de comentar os aspectos econômicos da mensagem presidencial.

ACOMODAÇÃO, NÃO

Recife - O deputado federal Sérgio Murilo (MDB - PE), afirmou ontem que o seu partido não aceita qualquer proposta que signifique acomodação ou transigência. O MDB, disse, "tem um programa a realizar e, queira ou não o grupo que está no poder, a Oposição conseguirá, pacificamente, redemocratizar o país."



Brossard (na foto, com Magalhães) faz sua estréia amanhã.

Mais esforço contra vazio

- Precocitados com a perspectiva de um fraco debate parlamentar, este ano, na Câmara Federal, deputados oposicionistas estão dispostos a se dirigir ao líder do MDB, no Senado, Paulo Brossard, sugerindo-lhe que redobre esforços naquela casa do Congresso para compensar o esperado vazio.

O temor desses deputados é justificado por três fatores principais: a mobilização dos deputados em torno da sua reeleição; o fraco colégio de líderes do Partido na Câmara e a circunstância de o líder Trancredo Neves ser um parlamentar pouco dedicado à tribuna.

Quanto ao primeiro item, não parece haver dúvidas de que já neste primeiro semestre a maioria dos deputados se engajará na campanha eleitoral em proporções que nos anos anteriores só se registravam a partir de julho. Esse fenômeno - a precocidade da campanha - foi explicado, sexta-feira, pelo ex-líder da Oposição na Câmara, Aldo Fagundes, como decorrente da vigência da "Lei Falcão". É que, à falta dos meios de comunicação, os candidatos só têm uma alternativa: iniciarem, o quanto antes o contato com as bases, a fim de não serem surpreen-

didos com a invasão de seus redutos por outros postulantes ao mandato federal.

Os sintomas dessa antecipação estão à vista: as sessões da Câmara têm sido muito fracas em matéria de debate e no nível de comprometimento.

Em relação ao colégio de líderes, há um consenso indicando que ele no mínimo está muito aquém do quadro de auxiliares dos ex-líderes Alencar Furtado e Freitas Nobre. Mas esta não parece ser a razão fundamental da expectativa de um fraco desempenho. Aqui igualmente entra o problema da campanha. Dos 12 integrantes do colegiado, oito estão cumprindo o primeiro mandato e só dois ou três têm a reeleição mais ou menos garantida. Ou seja - os vice-líderes também precisam ir com frequência aos seus Estados. Para assegurar sua recondução à Câmara.

Ainda que não se conheçam bem os planos de ação de Trancredo Neves, suas características políticas permitem a previsão de que raramente ele ocupará a tribuna. Antes da sua eleição para a liderança, só fez dois pronunciamentos em sete anos, e, depois, discursou apenas uma vez e compareceu muito

pouco ao plenário.

Outro dado que pode demonstrar a pouca disposição do representante mineiro quanto ao uso da tribuna: enquanto o líder do Governo no Senado, Eurico Rezende, avocou para si a tarefa de saudar o Presidente Carter, na sessão solene do Congresso, Trancredo preferiu designar o deputado fluminense Erasmo Martins Pedro, da corrente chaquista do MDB, a menos afinada com os ideais oposicionistas.

Pelo significado do acontecimento, muitos deputados entendem que o pronunciamento deveria caber ao líder. A propósito, recorda-se que, no ano passado, quando primeiro se cogitou na vinda de Carter, o ex-líder Freitas Nobre decidiu fazer a saudação ao saber que pela ARENA, o discurso caberia a Eurico Rezende.

De novo o ingrediente da campanha: Trancredo pretende se candidatar ao Senado, o que necessariamente exigiria seu afastamento de Brasília durante quase todo o segundo semestre.

Além desses fatores, deputados de atuação mais afirmativa desejam transferir ao Senado o comando dos debates, levando em conta que o líder Paulo Brossard e

a corrente que sustentou a sua candidatura tenderiam para uma ação considerada mais produtiva em termos políticos e eleitorais.

É verdade que, pelo menos até a sua eleição, Brossard também não se caracterizou como um parlamentar de pronunciamentos muito frequentes. Aos olhos dos deputados, seu mérito é o da densidade dos discursos e da firmeza da sua ação. Apesar disso, será feito um apelo no sentido de que ele intervenha nos debates com maior frequência, fazendo pelo menos um discurso por semana.

De qualquer modo, independentemente da atuação pessoal do senador gaúcho, é certo que no Senado há melhores condições de cumprimento de um plano de trabalho, principalmente porque - à exceção do ex-líder Franco Montoro - os oposicionistas mais dedicados ao debate - Gilvan Rocha, Marcos Freire, Itamar Franco e Roberto Saturnino, por exemplo - estão livres do problema da reeleição.